

Diversão & Arte

» RICARDO DAEHN
» MARIANA REGINATO*

O sucesso de *Ainda estou aqui* mexeu com as estruturas do cinema brasileiro. Porém, independentemente do resultado do Oscar, quais foram os ganhos da produção nacional com o fenômeno que o longa causou? Antes mesmo de alcançar os holofotes internacionais, um dos principais marcos do longa assinado por Walter Salles é a quantidade de brasileiros nas salas de cinema.

O longa em torno da memória de Rubens Paiva bateu a marca de 5 milhões de espectadores nas salas de cinema em um momento em que os streamings tomam conta do consumo cinematográfico. Segundo Susana Schild, crítica de cinema, roteirista e ex-diretora da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, as conquistas de *Ainda estou aqui* devem estimular realizadores e produtores a avançarem com seus projetos, mas “cinema é uma aventura de médio a longo prazo e as condições podem ser difíceis e lentas”. Para a crítica, não tem sido fácil levar o público aos cinemas e o filme é um fenômeno cinematográfico nas bilheterias. “Raros títulos tiram o espectador do streaming, o que é mais grave ainda em relação a filmes nacionais. Ganhar o cenário internacional depende de uma engrenagem complexa e muito cara. *Ainda estou aqui* foi um excelente estímulo para fazer e ver filme brasileiro no cinema”, ressalta Susana Schild.

Filipe Matzembacher, roteirista e produtor de cinema que, em fevereiro, apresentou o filme de *Ato noturno* (ao lado de Marcio Reolon), no Festival de Berlim, destaca que o reconhecimento do cinema brasileiro ocorre há anos e que o fenômeno do longa de Walter Salles deve ser um impulso. “O que o Brasil precisa é pensar como tornar esse caso de sucesso viável mais vezes para o mercado interno, melhorando a distribuição e exibição, aumentando a cota de tela, tendo uma cultura de educação artística para a população”, comenta. Filipe acredita que um país é forte quando se olha na tela e que, infelizmente, o cinema brasileiro acaba sendo mais bem recebido e distribuído fora do país do que dentro dele.

Apesar do grande sucesso do filme, as condições para realização do cinema nacional ainda são complexas e eventos como esse tendem a demorar anos para acontecer novamente. Antes de *Ainda estou aqui*, *Central do Brasil*, em 1999, foi o último a chegar tão alto. “Tudo depende de como o cinema vai se mexer para segurar esse bom momento. Mas não temos exatamente uma boa tradição nesse sentido. Então, acredito que, embora os olhos do resto do mundo passem a observar nossa produção com mais carinho, ainda vamos viver contando mais com fenômenos isolados do que com uma produção regular mais paruda”, afirma Roberto Sadovski, crítico de cinema que trabalhou anos na revista *SET* e hoje é colunista do *Uol*.

Caso o Brasil traga uma estatueta dourada para casa, a visibilidade em relação ao cinema nacional tende a crescer. Marcelo Müller, repórter e crítico do *Papo de Cinema*, acredita que a visibilidade é um fato, mas que não deve ocorrer com o Brasil o mesmo que na Coreia do Sul após o Oscar de *Parasita*. “Não acredito nisso porque, na Coreia do Sul, existe um investimento pesado estatal em cinema. Enquanto no Brasil a gente ainda patina bastante em relação a isso, mas acho que de cara o ganho que a gente vai ter é de visibilidade”, relata.

O IMPACTO DE AINDA ESTOU AQUI

ENTREVISTA //
FLÁVIA GUERRA,
CRÍTICA DE CINEMA

O que muda, no painel de cinema, com o Brasil perdendo ou ganhando?

A forma como a gente vê o cinema brasileiro nunca mais será a mesma. Claro que mudanças e revoluções não são feitas com um só jogador, um soldado. Precisamos de todo um exército nacional do cinema, com perdão da comparação, e ele vem trabalhando muito duro, nos últimos anos, como sempre. Vimos tudo crescendo, nos últimos 20 anos. Por meio dos apoios estatais ao audiovisual, a nossa produção vem descentralizando até nas verbas. Temos um cinema que se afirma cada vez mais. *Ainda estou aqui* é a cereja desse bolo, mas estivemos em Veneza com outros filmes. Em Cannes, competindo, com o filme do Karim Ainouz (formado na UnB). Recentemente, fomos premiados, no Festival de Berlim, com *O último azul*, de Gabriel Mascaro. A gente está no mapa! Isso que é importante, e cada vez mais.

Há algum exemplo internacional de bom caminho?

O cinema argentino, depois que levou o Oscar, entrou para a agenda internacional, e do público também. Pessoas, mesmo no Brasil, diziam: “Eu adoro cinema argentino! Eles contam histórias muito bem”. Tenho certeza de que, agora, pessoas da Letônia dizem: “Olha, o cinema brasileiro, hein?! Vi um último filme brasileiro lindo...” Entramos no circuito de outra forma. Nos corações e mentes, e isso é muito importante. Na repercussão, é muito importante.

E no campo da produção qual o impacto?

Há a importância muito grande no Brasil, tanto para as políticas públicas, e, num aspecto mais local, percebem-se leis estaduais de apoio ao cinema que deveriam ser estimuladas, a exemplo de Pernambuco. No Centro-Oeste tem sido muito debatidas as questões municipais, a lei Paulo Gustavo, que, logicamente, não vai produzir de imediato um longa como *Ainda estou aqui*, mas produz curtas, e o pessoal dos curtas, um dia vai fazer longa, fazer série, fazer outros produtos, fazer documentário... Quando temos nosso cinema reconhecido lá fora, há reconhecimento interno do trabalho sério e que dá resultado. Muda a mentalidade. Comparo com as questões da ginástica brasileira, com a Rebeca Andrade. Olha como mudou a nossa visão! Projetos e patrocínios aumentaram. Há 25 anos, tivemos o *Central do Brasil* e já mudou.

APÓS O OSCAR, O QUE PODE MUDAR NA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA NACIONAL? O CORREIO OUVIU ESPECIALISTAS EM CINEMA PARA ENTENDER POSSIVEIS CAMINHOS



“Temos um cinema que se afirma cada vez mais. *Ainda estou aqui* é a cereja desse bolo, mas estivemos em Veneza com outros filmes. Em Cannes, competindo, com o filme do Karim Ainouz (formado na UnB). Recentemente, fomos premiados, no Festival de Berlim, com *O último azul*, de Gabriel Mascaro. A gente está no mapa! Isso que é importante.”

Flávia Guerra,
crítica de cinema

Estávamos na fase boa com O que é isso, companheiro? O quartilho, *Central do Brasil*...

Qual foi o auxílio?

Ajudou muito a tirar aquela ideia que o brasileiro trazia dos anos 1960 e 1970, de que o cinema brasileiro de público era a pornochanchada. *Central do Brasil* calibrou nosso melodrama. Trouxe isso para o holofote; daí, *Cidade de Deus* enfatizou outro aspecto. São fatores que aumentam pontos nessa história. Com *Ainda estou aqui* são mares nunca antes navegados. A gente concorrer a melhor filme é marco histórico. A Fernanda Torres é histórico.

Quais outros aspectos temos em xeque?

Mudou a forma como a gente se enxerga e como somos enxergados. O efeito mais importante está no público. Sem isso, não adianta. O público brasileiro foi ver e está vendo o filme ainda. Falei com a Maria Carlota Bruno, a produtora indicada (com o Rodrigo Teixeira). Ela reforçou que o filme está em 600 salas. Ter um filme em 600 salas brasileiras, e meses depois que estreou. Esse é o maior prêmio, sem proselitismo: 5 milhões de espec-

tadores?! Precisamos de o brasileiro se ver na tela, ver suas histórias e pagar ingresso. Assim, mês que vem, o brasileiro vai falar: “Cara, vou ver se tem outra estreia de filme brasileiro”. Ver, ainda, os distribuidores valorizarem, ao menos em lançamentos de tamanho médio. Muitos filmes brasileiros têm projeção nula no lançamento. Uma realidade que precisa mudar.

Roberto Sadovski:
análise de muitas aventuras

Marcelo Müller:
cinema reflete as relações de hoje

Flávia Guerra,
crítica de cinema

Susana Schild,
crítica de cinema